

NEGOCIANTES  
E  
PROPRIETÁRIOS

José Calasans

## ANTONIO DA MOTA, NEGOCIANTE DE COURO E DE BALCÃO

Quando, em junho de 1893, Antonio Conselheiro chegou com sua gente a Canudos, logo rebatizado com o nome de Belo Monte, o mais importante habitante da localidade era Antonio da Mota. Negociante de couro e de balcão, segundo Manuel Ciriaco. Negociava com couro de bode, que remetia para o Cumbe e Monte Santo. Possuía uma loja na *praça do comércio*, denominada, posteriormente, *das igrejas*. A *venda*, também moradia do Mota, situada ao lado da *igreja nova*, ficava perto do *Santuário*, onde morava o Conselheiro. Antonio da Mota tinha ainda um quinhão de terra, à margem direita do Vaza-Barris, cortado por uma corrente d'água, conhecida por riacho do Mata. Fizera-se amigo do Bom Jesus Conselheiro nos anos 80, desde o primeiro aparecimento do peregrino no pequeno arraial sertanejo. Amigo e compadre. Um dos filhos do comerciante foi levado à pia batismal pelo místico de Quixeramobim. Conforme o jagunço Pedrão, Antonio da Mota pedira ao Conselheiro que levantasse nova capela em Canudos, porque a existente, além de pequena, estava em ruínas. O Conselheiro prometeu atender à solicitação e cumpriu a promessa. Supomos que a antiga capela, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, foi substituída pela igreja de Santo Antonio, que o padre Vicente Sabino dos Santos, vigário do Cumbe, benzeu, num dia festivo, debaixo de foguetório.

Antonio da Mota, chefe de numerosa família, tinha parentes conhecidos nos sertões baianos. Ligava-se por laços de parentesco ao coronel Ângelo dos Reis, rico e humanitário fazendeiro, proprietário da fazenda Formosa, situada perto do Raso da Catarina, no interior da Bahia. Conforme José Aras, profundo sabedor da vida sertaneja, Mota descendia de Joaquim da Mota Coelho, o homem que encontrou o meteorito de Bendengó, hoje guardado no Museu Nacional. Outro parente do comerciante canudense, o major Mota Coelho, oficial da polícia baiana,

morreu lutando contra o coronel Horácio de Matos, caudilho da Velha República, na zona de Lençóis.

Uma tragédia envolveu Antonio da Mota após o choque de Uauá, em novembro de 1896, entre a jagunçada do Belo Monte e os soldados do tenente Pires Ferreira, comandante da 1ª expedição contra Canudos. Correu o boato que o velho Mota mandara por um positivo avisar à tropa do ataque conselheirista. Era uma inverdade, asseguraram-me sobreviventes da guerra, alguns deles testemunhas da chacina de Antonio da Mota e filhos varões. Foram mortos à luz do dia, defronte do Bom Jesus Conselheiro, que se encontrava fiscalizando as obras da igreja nova. Aterrorizados, os Motas apelaram, inutilmente, para a proteção do amigo e guia. Antonio Conselheiro, embora houvesse mandado suspender o massacre, não foi atendido. Antonio dos Pocinhos, morador do povoado, jamais perdoou a fraqueza do Bom Jesus, não fazendo valer sua autoridade naquele momento dramático. Consoante confessou ao sobrinho, o já citado José Aras, perdeu a crença no taumaturgo cearense e na sua bondade, abandonando por isto o Belo Monte. A ação criminosa, determinada por João Abade, foi comandada por Vicentão, negro muito malvado, na opinião de Francisca Guilhermina, uma jagunça que conversou com Odorico Tavares, cinqüenta anos depois do terrível episódio. Da família Mota, escaparam as mulheres e os meninos, acolhidos na casa de Joaquim Macambira, outro abastado negociante da localidade, que conseguiu encaminhá-los, depois, para casas de famílias residentes em outros lugares, enfrentando, naturalmente, a hostilidade dos mais fanáticos. As mercadorias da casa comercial foram saqueadas.

## ANTONIO VILANOVA, O GRANDE NEGOCIANTE

No povoado do Belo monte, abaixo do Conselheiro, Antonio Vilanova e João Abade. Eram os dois homens fortes da grei. O primeiro, cearense; baiano, o outro. Vilanova, negociante sagaz e abastado, dirigia a economia e a política. Seus vales corriam como dinheiro vivo; resolvia as pendências locais, desempenhando o papel de juiz de paz. Fazia boa liga com João Abade, o “comandante da rua”, encarregado de manter a ordem e defender o arraial na sua qualidade de chefe da “Guarda Católica”. O entendimento entre os dois representava uma garantia de dominação. Moravam na mesma praça das Igrejas, em casas de telhas, símbolo do poder que desfrutavam. No tempo da paz, como nos dias da guerra, “seu” Abade ia tirar conversa na loja do poderoso comerciante, recordou Honório Vilanova.

Vilanova era apelido. Nascido Antonio Francisco de Assunção, ganhara a alcunha depois que veio negociar em Vilanova, hoje Senhor do Bonfim, no interior da Bahia. A família deixaria de ser Assunção para ser Vilanova. Pedro e Honório, seus irmãos, formaram o grupo dos Vilanovas, muito discutidos na época de Canudos.

Antonio chegou à Bahia forçado pela seca de 17. Foram inúmeros os cearenses que abandonaram a terra natal e se deslocaram para os sertões baianos. O Conselheiro acudiu muitos deles. Alma de mascate, Antonio Vilanova começou cedo a amearhar recursos. Não se transferiu para o Belo Monte movido pela fé e sim pelo interesse comercial. O vigário de Vilanova, durante uma desobriga, disse ao negociante que, em Canudos, um *conselheiro* estava reunindo muita gente para ouvir suas pregações. Um lugar ótimo para mascatear. Vilanova ouviu o aviso do padre e foi ao encontro de Antonio Vicente. Eram antigos conhecidos. Por volta de 1873, o beato Antonio passara em Assaré, onde Assunção possuía

um pedaço de chão. O reencontro teria sido, assim, muito agradável para os dois conterrâneos. Para adquirir mercadorias, Antonio Conselheiro pediu e obteve um “abate”. Entenderam-se desde então. O astuto mascate viu que ali estava um mercado de primeira ordem. Para Canudos transferiu sua loja, levando a parentela. Prosperou facilmente, tendo afastado, com habilidade, os concorrentes. Quando havia reação dos outros homens de negócios, Abade dava um jeito... Ninguém podia enfrentar Antonio Vilanova. Jesuino Correa foi mandado embora; Antonio da Mota, sacrificado com a família. Um comboio de cachaça liquidado, porque ia prejudicar o comércio do poderoso Vilanova. No decorrer da guerra, o homem de Assaré consolidou seu prestígio. Sua loja passou a guardar as armas e munições. Era ele quem distribuía com os comandantes de piquetes o armamento e as balas. Dominando interiormente a situação, Antonio Vilanova enfeixou em suas mãos todos os poderes, enquanto o Conselheiro ficava enclausurado no Santuário e iam morrendo os chefetes famosos.

Quando tudo estava perdido, Vilanova preparou habilmente sua retirada. Constatou que procurava o Conselheiro moribundo, pedindo autorização para deixar a cidadela messiânica. “Faze tua viagem”, respondera, concordando o Bom Jesus Conselheiro. Antonio Vilanova preparou sua fuga, com muita segurança, servindo-se de alguns combatentes, seus amigos. Partiu após a morte do *messias*. Deixou o campo da peleja quando nenhum milagre poderia salvar o efêmero Império do Belo Monte. Um negociante de vocação nada tem a fazer diante de escombros. Levou em sua companhia os parentes. Mulher, filhos, irmãos, cunhadas foram saindo daquele inferno, cuidadosamente, em grupos. Salvaram-se todos. Salvaram os dedos e alguns anéis. Segundo Honório, o “compadre” Antonio não conseguiu levar quatro barricas de prata que enterrara, mas trouxe para o Ceará, onde ainda iria viver algum tempo, três ou quatro quilos de ouro quebrado e algumas jóias. Dizia-se, porém, na Terra de Iracema, que os Vilanovas voltaram ricos...

Antonio “era alto, tinha barba e bigode fechados, trajava sempre calça, paletó e camisa. Valente, sim. Muito valente. Morreu aos 50 anos”. Assim falou Honório Vilanova ao jornalista Nertan Macedo.

## JOAQUIM MACAMBIRA E SUA GENTE

Havia, em Canudos, antes da chegada do Conselheiro, duas famílias de importância: os Mota e os Macambira. Na fase conselheirista, surgiu um terceiro grupo familiar, os chamados Vilanova, procedentes do Ceará, via Senhor do Bonfim. Antonio da Mota, negociante de couro e de balcão, também dono de terra, era o chefe do primeiro grupo, cabendo a Joaquim Macambira, agricultor e comerciante, a chefia da segunda família. Eram amigos, tendo Macambira acolhido menores da família Mota por ocasião da chacina dos seus membros, num momento difícil da vida local. A atitude de Macambira foi muito digna, merecedora de encômios.

Disseram a Euclides da Cunha que o velho Macambira não era um homem de luta, de briga. Gostava de preparar ciladas, de arrumar armadilhas. Um cobarde, na opinião de um menino-jagunço, Agostinho, a quem o escritor entrevistou, na capital baiana. Ninguém o temia (Euclides da Cunha, 05: p.37). Julgamento aliás apressado, que o escritor vai repetir no livro consagrado, onde diz que Macambira era “de coração mole” (Euclides da Cunha, 06: p. 201). Do que apuramos, Joaquim Macambira desempenhou papel saliente na comunidade por ser um homem de bem, um negociante acreditado, que mantinha relações comerciais com os seus colegas das localidades próximas, amigo do coronel João Evangelista Pereira de Melo, abastado proprietário em Juazeiro, a quem encomendou o tabuado para a igreja nova de Canudos, ponto de partida da guerra sertaneja (Aristides Milton, 08: p. 30). Dos comerciantes do Belo Monte, era ele o que desfrutava de melhor trânsito nas redondezas do povoado.

Casado com Maria Macambira, Joaquim teve prole numerosa. Um dos seus filhos, homônimo, aventurou-se num episódio dos mais famosos da Guerra de Canudos. Tentou tomar na “raça” um dos canhões da Expedição Artur Oscar, no intuito de

fazer cessar a ação mortífera da peça. Sacrificou-se com alguns companheiros. Perdeu a vida e ganhou um poema de Francisco Mangabeira, inspirado numa reportagem de Euclides da Cunha. Outro rebento, Manuel Macambira, no tempo da guerra, trabalhava como vaqueiro na fazenda Cocorobó, do juiz federal Dr. Paulo Martins Fontes, na vizinhança de Canudos. Foi uma das testemunhas do magistrado, na questão movida contra o governo federal, para indenização de prejuízos sofridos durante os combates.

O Comitê Patriótico abrigou uma das meninas, Maria Francisca Macambira, de 10 anos de idade. Cabocla. O jornalista Léllis Piedade andou tratando carinhosamente da criança, que encontrou em mãos de oficiais do Exército, no Forte de São Pedro, em Salvador. Francisca voltou à terra natal, vivendo muitos anos no povoado sertanejo algum tempo depois de sua destruição pelo fogo. O pintor Manuel Funchal Garcia, quando esteve em Canudos, na década de 50, conversou com Maria Francisca, tirando uma fotografia da velha Macambira ao lado do cabecilha Lalau, ainda forte. Também conversamos com a derradeira sobrevivente da gente dos Macambiras. Anotamos um bendito que ela contava. Revelando gratidão quando eu lhe disse que era da Bahia, perguntou se “seu Lellis ainda está vivo?”

Outras duas irmãs de Francisca apareceram no noticiário da imprensa: Tereza e Valeriana, com 14 e 11 anos, respectivamente, que o coronel Dantas Barreto entregou aos cuidados do jornalista Lellis Piedade. A mais moça das duas, apresentando feridas ainda não-cicatrizadas, quando o secretário do Comitê a recolheu. Havia, ainda, dois meninos Paulo e Antonio, este último com três anos no fim da guerra. Dois descendentes maiores, somente um deles foi combatente, divulgou o *Jornal de Notícias*, edição de 5 de novembro de 1897.



ilha Lalau, ainda forte. Também conversamos com a derradeira sobrevivente da gente dos Macambiras. Anotamos um bendito que ela contava. Revelando gratidão quando eu lhe disse que era da Bahia, perguntou se "seu Lellis ainda está vivo?"

Outras duas irmãs de Francisca apareceram no noticiário da imprensa: Tereza e Valeriana, com 14 e 11 anos, respectivamente, que o coronel Dantas Barreto entregou aos cuidados do jornalista Lellis Piedade. A mais moça das duas, apresentando feridas ainda não-cicatrizadas, quando o secretário do Comitê a recolheu. Havia, ainda, dois meninos Paulo e Antônio, este último com três anos no fim da guerra. Dois descendentes maiores, somente um deles foi combatente, divulgou o Jornal de Notícias, edição de 5 de novembro de 1897. *Há um outro filho de Macambira: Zi Pretinho, ativo combatente. Fala-se muito a seu respeito.*

## NORBERTO DAS BAIXAS

Proprietário no município de Bom Conselho e abastado negociante em Canudos, Norberto das Baixas, nome de sua fazenda, era apontado como um dos principais chefes jagunços, tanto na paz como na guerra. Consoante José Aras, fez-se fornecedor de madeira, “linhas de jequitibá”, trazidas de sua propriedade, em Bom Conselho. A esposa chamava-se Ana, apelidada Nanã. O Comitê Patriótico recolheu um dos seus filhos, Eliseu, de 7 anos, escuro. Dois outros, também menores, desceram para o litoral na companhia de soldados (Lellis Piedade, 17: p. XXIV). Norberto e a mulher morreram durante a refrega.

O coronel José Américo Camelo de Souza Velho, fazendeiro nos sertões da Bahia, numa publicação intitulada *Ao Público*, aparecida em 1898, ataca violentamente o “celerado Norberto”, responsabilizando-o por diversos atentados praticados pelos conselheiristas. Atribuía a um dos filhos de Norberto, de nome Elpídio, a campanha que lhe estavam movendo pela imprensa. Segundo Souza Velho, amigo e parente do Barão de Jeremoabo, o dono de Baixas tivera 12 filhos, restando, na época da publicação do folheto, apenas cinco, porque os demais haviam perecido na guerra. Dos sobreviventes, o citado Elpídio era um deles, dois ficaram com oficiais do Exército e dois outros se encontravam em Pombal, protegidos pelo juiz preparador, Dr. Manoel Martins de Almeida, filho do vigário de Tucano, de igual nome. O genitor de Norberto chamar-seia Francisco Alves, que seria *sogro do filho*, na linguagem agressiva e ofensiva do coronel José Américo (Souza Velho, 20: p. 15).

Descontadas as ofensas do panfleto, muito ao sabor da época, concluímos, com base também em informações de alguns sobreviventes, que Norberto era homem de relevo no Belo Monte, chefe de numerosa família. Seguindo a regra geral,

compadre de Antonio Vicente. Os laços do compadrio, digamos para terminar, desempenharam papel de suma importância no relacionamento do peregrino com seus milhares de seguidores. Ser compadre ou afilhado do Santo valia realmente muito.

A morte do chefe Norberto, também chamado Norberto do Pé da Serra, provocou movimentação no arraial e no acampamento, isto é, entre os jagunços e no seio da soldadesca. O correspondente do *Diário de Notícias* (BA), em missiva datada de 5 de setembro, informou: “Pois bem, ontem passava por defronte da igreja nova um sujeito de botas, calças brancas, paletó e chapéu-do-chile, trazendo na mão meia folha de papel branco; um cabo do 26º ao avistá-lo e, aproveitando-se do momento em que o vento dava-lhe no chapéu, fez fogo, caindo ele de bruços; novo tiro, e então ele estendeu-se por terra; mais outro e mais outro fizeram-se ouvir e o homem era cadáver.

Nessa ocasião, corre uma mulher para apanhá-lo, que é também alvejada e morta, um jagunço que tentou ir buscar o cadáver teve a mesma sorte, finalmente apareceram muitos jagunços, mas correram logo que ouviram tiros de bacamarte, continuando pela noite toda e até o amanhecer do outro dia.

Por esses fatos, supomos que a vítima fosse um dos seus mais esforçados generais, visto o furor de que se tomaram e o empenho em conduzi-lo” (Walnice Galvão, 08: p. 128).

Pensou-se que o jagunço atingido, seguramente homem de prestígio, seria o poderoso Antonio Vilanova. O próprio jornalista do *Diário*, alguns dias depois, melhor informado, apresentou nova versão: “Na última carta noticiei a morte de um homem que se presumia ser o chefe Vilanova, mas um jagunço que foi aprisionado disse-nos ter sido o *Senhorzinho* Norberto, negociante forte fornecedor do *Conselheiro*”.

Constou, finalmente, que Norberto substituíra João Abade no comando geral, após a morte do combativo “chefe do povo”. Fazemos restrições à notícia porque tudo indica que Norberto, se foi ele mesmo a vítima do tiroteio de 5 de setembro, teria falecido primeiro.

## HONÓRIO VILANOVA, O MEMORIALISTA

Honório Vilanova era irmão de Antonio Vilanova, o negociante maior de Canudos. Cearense, como o irmão poderoso, veio negociar no povoado, após viver algum tempo em Vilanova da Rainha, hoje Bonfim, na Bahia. Quase nada se conhecia a seu respeito no tempo da guerra. Manuel Benício errou na citação do nome do outro Vilanova, a quem chamou Horácio. Sabia-se que sua esposa era conhecida por Pimpona, uma mulher bonita, vistosa, bem-apresentada. Seguramente, a senhora mais elegante da comunidade, como o apelido está a indicar. Na velhice, recordando os tempos idos e vividos, Honório falava envaidecido da formosura da falecida consorte. Quando lhe indagamos qual era a mulher mais bonita de Canudos, respondeu-nos, prontamente: “A minha, que eu não vou achar as mulheres dos outros mais bonitas do que a minha”.

Ofuscado pelo prestígio do próspero comerciante Antonio Vilanova, Honório tornar-se-ia conhecido dos pesquisadores pelas preciosas informações que prestou aos cronistas dos nossos dias, sobretudo a Nertan Macedo, que as reuniu num livro importante, *Memorial de Vilanova*, aparecido em 1964. A obra conferiu ao lúcido informante o título de memorialista do Conselheiro. Nenhum outro jagunço falou tanto sobre a vida cotidiana da gente conselheirista. Honório, que morreu quase aos 105 anos de idade, rememorava, com precisão, fatos e figuras, reconstituindo os costumes do seu grupo, fixando a marcante individualidade de Antonio Conselheiro, que conhecera no Assaré, terra cearense, por volta de 1873, e foi reencontrar, muitos anos depois, no Belo Monte, ao seu lado ficando até pouco antes da destruição do povoado. Escapou da chacina, regressando à terra natal na companhia de todos os parentes, onde envelheceu, sempre falando bem do Pai Conselheiro, elogiando o tino comercial do “compadre Antonio”, gabando as virtudes e dotes físicos de Tereza Jardelina de Alencar, “mulher de beleza e

postura”, a prima com quem casara, irmã de Antônia Jardelina de Alencar, esposa de Antonio Vilanova.

Filho de José Francisco da Assunção, fazendeiro, dono da fazenda Urucu, e de dona Ana Maria da Conceição, nasceu no tempo da Guerra do Paraguai e veio a ser conhecido por Vilanova por causa do irmão Antonio, homem de negócios em Vilanova da Rainha, já dissemos. Tangido pela seca de 77, trocou o Ceará pela Bahia, onde aprendeu o ofício de seleiro, com Pedro, irmão mais velho. Em Canudos, ajudando o “compadre Antonio” na sua bem sortida loja, o atilado sertanejo não trabalhava como seleiro, tornando-se o braço direito do Antonio. Brigou também na fase final da refrega, sendo ferido num dos pés. Retirado do entricheiramento pelo irmão, teve o ferimento tratado pela mulher, que “envolveu a ferida com sumo de pimenta malagueta e folhas”. A mezinha deu bom resultado.

Mercador e combatente, o segundo Vilanova era também poeta. Gostava de versejar. “Sempre gostei de versejar”, declarou. “Era a minha diversão”. “Tirou uns versos da cabeça”, quando Moreira César morreu:

“Morreu o Moreira César  
Lá no Alto da Favela  
Foi ficar nas Umburanas  
Ao redor dos canaviais  
Mas não chupou das canas”.

A lira não ficou no Belo Monte. Levou-a de volta para o Assaré. Dedilhou-a nas lutas do padre Cícero.

“O chefe da Barbalha  
Tendo um batalhão inteiro  
Falava soberbamente  
Deram o beijo um brazeiro  
Assim fez quem vai mexer  
No padre Cícero e romêro”.

Disse a poesia para Nertan Macedo. Repetiu-a em nossa presença, alguns anos passados. Misturava sua própria poética com versos alheios, decorados, o que, de forma alguma, prejudica sua condição de menestrel de Canudos.